

Como formar uma identidade intelectual: pesquisa, escrita e posicionamento autoral

Revista de
Sociologia
e Política

DOI 10.1590/1678-98732433e019

Marta Mendes da Rocha¹  

¹Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

Palavras-chave: autoria científica, identidade intelectual, formação de pesquisadores, interdisciplinaridade, revisão narrativa.

RESUMO Introdução: A formação em Ciências Humanas e Sociais enfatiza o caráter coletivo da produção científica, mas oferece menos orientação sobre como pesquisadores(as) desenvolvem autoria e identidade intelectual. Questões como protagonismo na pesquisa, relação com tradições disciplinares, desigualdades sociais e pressões por produtividade influenciam a inserção acadêmica e a capacidade de formular contribuições próprias. Este artigo examina os elementos que estruturam a construção da autoria científica ao longo da trajetória formativa. **Materiais e métodos:** O estudo baseia-se em revisão narrativa e em reflexão analítica fundamentada na experiência da autora em pesquisa, ensino e orientação. Mobiliza literatura sobre escrita científica, reflexividade, hierarquias acadêmicas, interdisciplinaridade e práticas de coautoria, articulando evidências empíricas e exemplos provenientes de diferentes campos das Ciências Humanas. **Resultados:** A análise identifica quatro dimensões centrais para o desenvolvimento da autoria: i) protagonismo na definição do problema de pesquisa; ii) escrita como prática de produção de conhecimento, e não apenas comunicação; iii) negociação ética e transparente das contribuições em trabalhos coletivos, considerando hierarquias, gênero, raça e classe; e iv) ampliação do repertório intelectual por meio de interdisciplinaridade, leitura crítica e participação em redes acadêmicas. Aponta ainda como desigualdades de origem social moldam percepções de pertencimento e condições objetivas de inserção no campo. **Discussão:** Sustenta-se que autoria é uma prática situada e reflexiva, resultante da articulação entre escolhas individuais e estruturas acadêmicas. Conclui-se que compreender esse processo fortalece a autonomia intelectual, amplia a capacidade analítica e contribui para trajetórias acadêmicas mais conscientes, críticas e autorais.

Recebido em 12 de Setembro de 2025. Aprovado em 5 de Novembro de 2025. Aceito em 2 de Dezembro de 2025.

Editor Científico: Adriano Codato 

Editor Associado: Adriano Codato 

I. Introdução

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira, quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio, na medida em que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício, para realizar suas próprias potencialidades (Mills, 2009, p. 22).

Desde os primeiros passos da formação metodológica de um cientista social, aprendemos que a produção do conhecimento científico é um empreendimento coletivo, que não resulta do esforço isolado de um indivíduo, mas sim do trabalho conjunto e acumulado de pessoas, instituições e gerações. O caráter coletivo da ciência se expressa no diálogo entre cientistas, no compartilhamento de dados, métodos e resultados, por meio de artigos, bancos de dados e congressos e na formação de comunidades e redes de pesquisa. A validação do trabalho científico por meio da revisão por pares é outra expressão dessa construção coletiva, fundamental para a legitimação do conhecimento.

O papel ativo dos pesquisadores na construção da autoria científica, por outro lado, é uma questão menos debatida nos cursos introdutórios de metodologia. E por que essa é uma questão importante? Por que diz respeito a como,

cada um de nós, se insere no campo acadêmico e desenvolve uma identidade intelectual. Este texto tem como objetivo oferecer orientações que possam contribuir para a formação de jovens pesquisadores mostrando como eles e elas podem, desde cedo, participar do diálogo acadêmico de forma mais consciente e, assim, desenvolver uma perspectiva autoral.

Ao falar em perspectiva autoral e identidade intelectual, não ignoro que a maioria dos estudantes não possui capital acadêmico de origem e não foi socializada em um ambiente permeado por debates científicos e práticas intelectuais. Para essa maioria, a trajetória acadêmica se constrói muito mais do aproveitamento de oportunidades que se abrem do que de escolhas conscientes orientadas a um fim pré-definido. Os estudantes brasileiros, em contraste com outros países, precisam tomar decisões sobre seu futuro acadêmico e profissional muito cedo, ainda no ensino médio, muitas vezes com pouca informação sobre como se dá a produção do conhecimento científico, o funcionamento do sistema acadêmico no país e o campo de estudos no qual pretende se inserir. Tudo isso torna ainda mais importante e desafiador refletir sobre protagonismo acadêmico e autoria na pesquisa e na escrita.

II. Protagonismo e autoria na pesquisa

No sistema educacional e acadêmico brasileiro, o contato dos estudantes com a pesquisa costuma ocorrer, principalmente, por meio dos programas de iniciação científica, do desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso e das pesquisas de mestrado e doutorado. Com exceção dos programas de iniciação científica, em que os estudantes se inserem para atuar em uma investigação proposta por um orientador, nos demais casos os discentes têm espaço para propor seus próprios problemas de pesquisa. Este ato faz com que o pesquisador adote uma posição ativa no diálogo científico-acadêmico e entre em contato com aqueles que, antes dele, se questionaram sobre determinado fenômeno e mobilizaram teorias e hipóteses para investigá-lo.

Para construir um problema de pesquisa é necessário saber o que outros já disseram sobre o tema ou questão e, para isso, deveríamos nos comportar como alguém que entra em uma sala onde uma discussão já teve início. Não devemos entrar falando, precisamos antes ouvir, tentando entender o que já foi dito, o que se sabe sobre o problema, que questões, dúvidas e lacunas (teóricas e metodológicas) persistem e como podemos contribuir para avançar o conhecimento sobre a questão. Construir um problema de pesquisa dessa forma é um caminho promissor para oferecer uma contribuição relevante, ao invés de simplesmente seguir tendências ou modismos.

Mesmo quando um pesquisador participa de um empreendimento coletivo no qual ele não é o autor do problema, a questão da autoria e do protagonismo permanece relevante. Em nenhuma etapa da trajetória acadêmica pesquisadores devem ser reduzidos a executores de tarefas. Programas de iniciação científica, por exemplo, precisam oferecer uma experiência formativa, na qual estudantes compreendam o conjunto da pesquisa, reconheçam seu papel no trabalho coletivo, desenvolvam competências a partir das atividades delegadas e recebam o treinamento necessário para realizá-las. Dessa forma, os estudantes exercem um papel mais ativo na pesquisa e têm maiores chances de participar da definição de seus rumos.

Atitude intelectual ativa é:

- Adotar uma postura protagonista no diálogo científico, formulando problemas e argumentos próprios.
- Rejeitar posições passivas em qualquer etapa da pesquisa, inclusive em trabalhos coletivos.
- Escolher objetos que dialoguem com debates relevantes, evitando seguir modas acadêmicas.
- Refletir continuamente sobre como deseja se inserir no campo e alinhando suas escolhas de escrita e pesquisa a esse projeto.

III. Protagonismo e autoria na escrita

Na trajetória acadêmica, é comum que os estudantes inicialmente atuem como leitores e reprodutores de conhecimento, absorvendo teorias, conceitos e métodos elaborados por outrem. Esse papel é essencial para a formação, mas se limita a compreender e reproduzir o que já foi produzido, sem inserir novas ideias ou questionamentos originais. A partir do momento em que os estudantes se engajam na pesquisa científica e são instados a escrever - relatórios de pesquisa, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado - eles abandonam a posição passiva de leitores e experimentam o papel de autores e produtores de conhecimento. Este papel implica formular problemas de pesquisa próprios, propor hipóteses, construir análises e interpretar dados de maneira inovadora ou crítica. Um exercício que exige reflexão, autonomia e iniciativa e contribui para o desenvolvimento de habilidades e competências que, aos poucos, transformam os estudantes de receptores passivos a agentes ativos do processo científico.

As pressões por produtividade fazem com que, cada vez mais cedo, estudantes se preocupem e se interessem em publicar. O que poderia ser visto como algo positivo, porém, tem seus problemas. A publicação aparece, muitas vezes, como um fim em si mesmo, a quantidade se sobrepõe à qualidade e o que deveria ser um processo criativo e rico em termos de aprendizado e amadurecimento intelectual se transforma em um fardo. Neste sentido, é importante refletir sobre o que é uma publicação acadêmica e qual é a sua finalidade. O desejo de publicar não pode existir de forma separada do desejo de pesquisar e se engajar no diálogo acadêmico-científico com a comunidade de praticantes. Ele deve estar acompanhado da avaliação de que o trabalho de investigação resultou em ideias, interpretações, argumentos, métodos, dados e inovações que merecem ser comunicados já que podem contribuir para iluminar problemas e fenômenos relevantes para um determinado campo de estudos.

Do ponto de vista dos autores, a escrita acadêmica não deve ser vista como a etapa final do fazer científico, mas como parte dele. A escrita permite aos pesquisadores organizar ideias, esclarecer hipóteses, refletir sobre dados e identificar lacunas no conhecimento existente. É por meio da escrita que se testa a coerência do raciocínio, se articulam conceitos e se problematizam resultados preliminares. Na pesquisa etnográfica, por exemplo, a escrita participa do próprio processo de produzir conhecimento, acompanhando todas as etapas da investigação, uma prática marcada por escolhas retóricas, posicionamentos e relações de poder que produzem, e não apenas descrevem a realidade (Clifford & Marcus, 2016).

Além disso, a escrita contínua promove a participação no diálogo científico, pois possibilita compartilhar reflexões, colocar ideias e argumentos sob o escrutínio da comunidade de praticantes e inserir o trabalho em debates mais

amplos desde fases iniciais. Dessa forma, a escrita se torna parte integrante da construção do conhecimento, e não apenas um instrumento de comunicação final, contribuindo para o desenvolvimento de pensamento crítico, autonomia intelectual e protagonismo na pesquisa. Se você tem prazer em pesquisar, lidar com os dados, organizá-los, mas encara a escrita como um fardo, é necessário identificar o que não vai bem.

O avanço da inteligência artificial generativa (IAG) no campo acadêmico traz novos desafios para se pensar o papel ativo de pesquisadores e pesquisadoras na escrita acadêmica e na construção da autoria científica. Embora a IAG possa apoiar tarefas como a organização de referências, a síntese de textos e a elaboração de rascunhos, a autoria exige escolhas teóricas, metodológicas e analíticas que são responsabilidade intransferível do pesquisador. Isso evidencia que o uso de IAG não elimina, mas reforça a necessidade de protagonismo intelectual, pois cabe ao pesquisador decidir criticamente o que incorporar, revisar ou rejeitar.

Escrita como produção de conhecimento:

- Use a escrita para pensar, testar hipóteses e construir análises e não apenas para comunicar resultados.
- Se a escrita parecer um fardo, identifique as causas e reformule o processo.
- Utilize a IAG de forma crítica, como apoio à reflexão, sem substituir o pensamento próprio.
- Entenda que a autoria envolve escolhas responsáveis e intransferíveis no campo teórico e metodológico.

IV. Trabalho colaborativo e coautoria

Mesmo em contextos coletivos, em que múltiplos pesquisadores contribuem, a autoria confere visibilidade e credibilidade, reforçando a ideia de que a pesquisa é um empreendimento coletivo, mas valoriza a contribuição individual. Escrever em coautoria envolve negociação de ideias, divisão de tarefas, reconhecimento, e não deve ser vista apenas como uma forma de fazer mais em menos tempo. O trabalho em coautoria não raro traz à tona questões relacionadas ao peso das hierarquias acadêmicas na atribuição de autoria - orientadora-aluna, pesquisadoras reconhecidas *versus* iniciantes - e dimensões de gênero, classe e raça que estruturam essa hierarquia e definem quem obterá reconhecimento e visibilidade.

Para enfrentar um conjunto de problemas relacionados à autoria científica e à ética da pesquisa, muitas revistas científicas passaram a solicitar o detalhamento das contribuições individuais de cada autor no momento da submissão de manuscritos. A *Contributor Roles Taxonomy* ou, simplesmente, taxonomia CRediT, é um vocabulário controlado que define 14 papéis específicos para descrever as contribuições de autores em publicações científicas, como conceituação, metodologia, investigação e curadoria de dados. Ela serve para tornar explícito o envolvimento de cada colaborador em diferentes etapas da pesquisa, sendo aplicada principalmente em periódicos durante o processo de submissão de artigos. Seus benefícios incluem maior transparência na atribuição de autoria e melhor reconhecimento e responsabilização dos autores.

A questão da coautoria também pode ter um forte componente ético e político. Na Antropologia, por exemplo, como resultado de transformações epistemológicas e éticas e dos debates sobre descolonização do conhecimento, tornou-se cada vez mais recorrente a coautoria entre interlocutores e etnó-

grafos, em artigos, livros e relatórios. A incorporação de interlocutoras como autores ou colaboradores é vista como uma forma de reconhecer que eles, muito mais do que apenas fornecer dados, produzem interpretações, categorias e análises fundamentais para o entendimento etnográfico. Também é uma forma de dar visibilidade a saberes locais e romper com a lógica colonial de falar “sobre” e não “com”.

Coautoria e trabalho coletivo:

- Encare a coautoria como negociação de ideias, divisão justa de tarefas e reconhecimento mútuo.
- Mantenha transparência e responsabilização, detalhando contribuições individuais (por exemplo, usando taxonomias como CRediT).
- Considere coautorias com interlocutores para valorizar saberes locais e combater lógicas coloniais.
- Esteja atento ao peso das hierarquias acadêmicas (orientador-orientanda, senior-junior) na definição de autoria e explicita os acordos.
- Considere como gênero, raça e classe influenciam reconhecimento, crédito e oportunidades.
- Exercite vigilância ética na inclusão, exclusão e ordem de autores, assegurando justiça e coerência.

V. A escolha da pessoa gramatical na escrita científica

A escolha da pessoa gramatical na escrita científica reflete não apenas estilo, mas também posicionamento e estratégia do pesquisador. Ela deve ser considerada à luz do contexto e das preferências do autor ou autora, mas sem descuidar das condições de produção do conhecimento e do texto e do efeito que se pretende produzir a partir dele. Nas Ciências Humanas e Sociais há diferenças entre campos, tradições teóricas e estilos de escrita quanto à escolha da pessoa gramatical. Essas diferenças tendem a expressar as concepções de cientificidade em cada área e os modos de se posicionar no processo de produção de conhecimento.

Durante muito tempo, prevaleceu a ideia de que a objetividade científica exigia a neutralização da voz do pesquisador, perspectiva levou à prática comum de utilizar a terceira pessoa (“discute-se”, “analise-se”, “argumenta-se”), ocultando a posição de quem escreve, demarcando a separação entre pesquisador e objeto de estudo e conferindo ao texto um tom de formalidade e distância. O pesquisador era visto como intérprete “neutro” de dados, sem espaço para a subjetividade. Essa perspectiva predominou na Economia, na Ciência Política e na Sociologia Quantitativa, por exemplo.

Na Antropologia, diferentemente, há uma tradição consolidada de reflexão sobre o lugar do pesquisador no campo e desde as décadas de 1980 e 1990 muitos textos defendem que o uso da primeira pessoa explicita a posição do autor ou autora e reconhece a dimensão relacional da pesquisa etnográfica (Abu-Lughod, 1991). Assim, escrever na primeira pessoa do singular (“investigo”, “argumento”, “proponho”) torna mais evidente a posição do sujeito no processo de pesquisa e permite assumir explicitamente a responsabilidade pelos argumentos, interpretações e escolhas metodológicas. Essa postura, também presente na Sociologia Qualitativa baseada em entrevistas, observação e análise interpretativa, não enfraquece o rigor científico, pelo contrário, fortalece a análise crítica. Nos estudos de gênero, raça e pós-coloniais, escrever em primeira pessoa é um posicionamento ético e político: explicita experiências

vividas, situa o pesquisador e combate a ilusão de neutralidade. Autoras feministas defendem essa prática por valorizar a voz pessoal como forma de resistir ao universalismo abstrato, às hierarquias de saber e à “visão de nenhum lugar”, afirmando a importância de “saberes localizados” (Hooks, 1990; Abu-Lughod, 1991; Haraway, 1988).

O uso do “nós” na escrita acadêmica (“pesquisamos”, “analisamos”, “consideramos”, “concluimos”) pode assumir diferentes sentidos e efeitos, variando entre um “nós” real e prático, associado a situações de coautoria efetiva, e um “nós” retórico ou simbólico, empregado mesmo em textos de autoria individual. Em trabalhos coletivos, o “nós” parece a escolha mais natural, pois explicita a dimensão compartilhada da reflexão; ainda assim, é necessário cuidado para que esse uso não mascare desigualdades de contribuição entre os autores. Já em textos individuais, o “nós” muitas vezes funciona de modo impessoal, quase como substituto da voz passiva. Nas Ciências Humanas e Sociais, o recurso à primeira pessoa do plural também pode possuir um tom de convite ao leitor ou remontar à ideia de uma ampla comunidade discursiva que inclui autores, leitores, a comunidade científica ou a sociedade. É preciso estar atento às ambiguidades que emergem sobre quem compõe esse “nós”, equilibrando os efeitos de inclusão discursiva com a clareza quanto às responsabilidades e contribuições efetivas.

Mais recentemente, a terceira pessoa do singular passou a dar espaço para a primeira do singular, inclusive na Ciência Política e em estudos quantitativos, mas por motivos diferentes dos já mencionados. Trata-se, sobretudo, de uma mudança estilística influenciada pelas normas internacionais de escrita científica, especialmente no espaço anglófono, que valorizam clareza, objetividade e a atribuição explícita da autoria dos argumentos. O “eu argumento”, “eu observo” ou “eu mostro” aparecem como forma de marcar com precisão a contribuição individual do pesquisador ou pesquisadora, evitar construções passivas e dar mais transparência ao texto. Nesse sentido, a adoção da primeira pessoa na Ciência Política está mais ligada a convenções editoriais e à competitividade acadêmica do que a uma transformação epistemológica orientada por reflexividade no campo.

É compreensível que pesquisadoras e pesquisadores em formação sintam desconforto em escrever na primeira pessoa do singular. Este desconforto expressa a tensão entre apagar-se como autor e assumir o protagonismo e a responsabilidade pelo texto. Ele pode resultar da socialização acadêmica em áreas que historicamente privilegiaram a impessoalidade como sinônimo de rigor, de inseguranças próprias do processo de formação, como medo de parecer pretensioso e receio de não ter ainda legitimidade para “assinar” ideias próprias, ou da sensação de que o trabalho não traz novidade suficiente.

Porém, é necessário compreender que escrever em primeira pessoa não significa necessariamente reivindicar uma contribuição inédita ou “grandiosa”, nem implica abandonar o rigor ou transformar a pesquisa em uma experiência puramente subjetiva. Esta escolha deve ser vista como uma forma de se explicitar o lugar de onde se fala, as condições sob as quais o conhecimento é produzido e como isso interfere nos resultados. Em termos estratégicos e políticos, a escolha da pessoa gramatical não é neutra: ela evidencia como os pesquisadores se posicionam frente à pesquisa, aos leitores e à comunidade acadêmica. Portanto, é muito mais do que uma forma de transparência metodológica e de uma escolha estilística: é uma postura epistemológica, ética e política.

Escolhas de estilo, pessoa gramatical e posicionamento:

- Na escolha da pessoa gramatical leve em consideração a temática, sobre quem se fala, os objetivos do texto e os efeitos que se pretende produzir.
- Alinhe a escolha da pessoa gramatical ao campo disciplinar, às normas editoriais e ao efeito comunicativo desejado.
- Reconheça que toda escolha gramatical revela um posicionamento ético, político e epistemológico no processo de produção do conhecimento.

VI. Autoria e interdisciplinaridade

A forma narrativa certamente produz efeitos sobre o leitor, seja destacando a ideia de autoria (eu), convite ao diálogo (nós) ou ocultando a autoria (terceira pessoa). No entanto, desenvolver uma voz própria e ter protagonismo na escrita científica vai muito além da escolha da pessoa gramatical. A construção de uma identidade intelectual envolve escolhas e a postura dos pesquisadores em relação à produção do conhecimento, à pesquisa, à escrita e à comunidade acadêmica em que se insere e com a qual dialoga.

Me recordo de ouvir, uma vez, uma amiga doutoranda em um prestigiado programa de pós-graduação brasileiro na área de Ciências Humanas, se queixar de que suas sugestões de textos em seu grupo de estudos eram totalmente ignoradas por se tratar de referências que - mesmo abordando de forma direta o tema central de estudo do grupo - eram provenientes de outro campo disciplinar. Os programas de pós-graduação muitas vezes são fortemente estruturados por tradições disciplinares, o que resulta em uma tendência de reforçar cânones, autores e debates específicos. Isso pode gerar resistência a referências “de fora”, sobretudo quando eles questionam os referenciais centrais estabelecidos pelo grupo ou pelo orientador. Às vezes, essa resistência pode advir de um receio legítimo de perda de foco ou da preocupação legítima dos orientadores sobre o nível da maturidade de pesquisadores em formação para transitar por diferentes tradições teóricas com a devida vigilância epistemológica.

No entanto, a interdisciplinaridade pode ser um caminho bastante fértil para desenvolver uma voz autoral e uma identidade intelectual porque força os pesquisadores a habitarem fronteiras, espaços desafiadores, nos quais é difícil simplesmente reproduzir um cânone já consolidado. Pesquisas que exigem abordagens interdisciplinares normalmente nascem do interesse em compreender fenômenos complexos que não cabem em um único campo disciplinar. Em si, a complexidade desses problemas os tornam potencialmente mais propensos à produção de conhecimento original. Circular entre disciplinas é, também, uma forma de perceber os limites e vieses de cada uma delas, o que, em geral, resulta em uma postura mais crítica e reflexiva sobre as convenções do próprio campo. Experiências interdisciplinares de pesquisa abrem espaço para formular perguntas e respostas que escapam do enquadramento rígido de uma só tradição e contribuem para enriquecer o repertório metodológico e analítico das Ciências Humanas. Por não poderem contar com a aceitação automática de um referencial comum, pesquisas interdisciplinares também estimulam a capacidade de argumentação e podem contribuir para a construção de uma identidade própria. Tudo isso contribui para dar mais densidade à voz autoral dos pesquisadores.

VII. Ler, pesquisar, escrever, publicar

A leitura de grandes volumes de texto e a prática frequente da escrita são partes inescapáveis do trabalho dos pesquisadores na área de Ciências Humanas. Já tendo discutido como a formulação do problema e a discussão com a literatura ajudam a criar uma perspectiva autoral, quero abordar os diferentes tipos de texto e de publicações mais frequentes na área e como cada um deles pode contribuir para a construção de uma perspectiva autoral e de uma identidade intelectual.

Em geral, pesquisadores comunicam resultados de suas reflexões e pesquisas na forma de artigos, livros autorais e coletâneas. Os artigos científicos funcionam como o principal veículo de inserção no debate acadêmico devido ao seu formato relativamente curto, que privilegia clareza e objetividade. A elaboração de artigos tem um papel importante de socializar pesquisadores em formação nas convenções, referências e vocabulário de uma disciplina e funciona como forma de legitimar a sua presença em uma comunidade científica. O processo de submeter textos à avaliação dos pares e revisar o artigo com base nos pareceres é crucial no desenvolvimento da capacidade argumentativa.

O formato de artigo, contudo, pode ser limitado para expressar os resultados de pesquisas e de empreendimentos intelectuais de maior fôlego. Ele também é inadequado quando se pretende explorar várias dimensões de um mesmo problema e apresentar argumentos mais sofisticados que resultam do acúmulo de reflexões, pesquisas e dados. Neste caso, os livros - autorais ou em coautoria - funcionam melhor. Diferentemente do artigo, o livro autoral permite desenvolver um argumento e explorar diferentes dimensões de um problema ao longo de capítulos, explorar um volume maior de dados e formular interpretações originais de maior fôlego. Por oferecer maior espaço para a liberdade criativa e a afirmação de uma voz própria, o livro costuma ser reconhecido como uma obra autoral em sentido mais pleno. Livros podem resultar de dissertações de mestrado e teses de doutorado, projetos de pesquisa ou do acúmulo de reflexões de pesquisadoras que se encontram na metade ou estágio avançado da carreira. Livros autorais nem sempre são sinônimos de livros de autoria individual. Há exemplos célebres nas Ciências Sociais brasileiras de pesquisadores que trabalharam em sólida parceria intelectual e publicaram livros com forte perspectiva autoral.

A organização de coletâneas e de dossiês de periódicos posicionam o pesquisador em outro lugar: o de mediador de debates. No entanto, enquanto a coletânea geralmente circula em formato de livro, com vida útil mais longa, o dossiê em revista científica tem impacto imediato e se insere em debates em curso, ajudando a marcar agendas de pesquisa. Organizar uma coletânea ou propor um dossiê não significa apenas reunir textos, mas propor uma chave de leitura para um problema, articular vozes distintas, mapear um campo, projetar-se como alguém capaz de estabelecer diálogos e liderar redes de pesquisa. Nesse sentido, também contribuiu para a identidade intelectual, ainda que de modo diferente.

Textos curtos voltados ao grande público - como artigos de opinião, textos de divulgação científica e notas de pesquisa - ampliam o alcance da produção acadêmica em blogs, mídias digitais, jornais, revistas e podcasts. A crescente demanda das agências de fomento por estratégias de comunicação científica tem incentivado pesquisadores a divulgar resultados em formatos variados, conectando suas investigações ao debate público. Além de tornar os resultados mais acessíveis, esse tipo de publicação ajuda a desenvolver uma perspectiva

autoral ao esclarecer “para quem se escreve”, “com quem se dialoga” e quais campos, dentro e fora da academia, se busca alcançar.

Pesquisa, leitura, escrita e publicação:

- Veja a interdisciplinaridade como uma oportunidade para atuar em fronteiras conceituais, inovar e desenvolver uma voz autoral própria.
- Fique atento às convenções disciplinares e ganhe familiaridade com o vocabulário do campo.
- Participe do processo de submissão e revisão por pares para desenvolver argumentação e resposta crítica.
- Adapte o formato da publicação (artigo, livro, coletânea) ao tipo de material e objetivo da publicação.
- Considere trabalhar com estratégias de divulgação científica em diferentes formatos (textos curtos, mídias digitais).

VIII. A construção da autoria e da identidade intelectual em cenários adversos

A vida acadêmica impõe diversos desafios a todos os estudantes, exigindo habilidades de organização, autonomia, estudo, leitura crítica, produção de textos e participação em diversas atividades simultâneas. Especialmente para estudantes de baixa renda que precisam trabalhar e dispõem de pouco tempo para os estudos e para os pertencentes a minorias étnicas, raciais e sexuais, a experiência de cursar uma faculdade pode ser bastante penosa, permeada de ansiedade, dúvidas e frustrações. Muitos destes são os primeiros em suas famílias a ingressarem em uma universidade, razão pela qual geralmente possuem menor familiaridade e menos referências sobre a vida e o sistema acadêmico, o que exige aprender a navegar em um ambiente novo e complexo com suporte limitado. Tais dificuldades marcaram minha própria experiência como estudante oriunda de família de trabalhadores de baixa renda, a segunda da família a ingressar em uma universidade pública. Embora meu fascínio pela universidade e pelo meu curso tenham sido quase imediatos, eu me sentia permanentemente um peixe fora d'água frente a colegas que podiam passar o dia inteiro na faculdade e dedicar-se integralmente aos estudos, que falavam inglês fluentemente e/ou já tinham viajado para o exterior. Com a entrada na pós-graduação, um ambiente ainda mais elitizado, esse sentimento se acentuou. Apenas depois de muitos anos de estudo, pesquisa e inserção no meio acadêmico, a sensação de não pertencimento foi se apaziguando.

Graças às políticas de ação afirmativas implementadas nas últimas duas décadas, as universidades públicas são, hoje, muito mais plurais e inclusivas. Mas o sentimento de não pertencimento continua a obstaculizar a trajetória de muitos estudantes. Como alguém que conviveu de perto com esses sentimentos, minha dica é: no ambiente acadêmico, busque se aproximar de pessoas generosas e honestas, com paixão pelo que fazem, seguras de si e dedicadas à formação de novos pesquisadores e pesquisadoras. Pessoas como essas são muito mais comuns do que se imagina. Outra dica importante: identifique pesquisadores e pesquisadoras com um perfil que espelhe como você gostaria de ser no futuro, se aproxime deles e aproveite o que eles têm a oferecer de melhor.

Busque aprender sobre o desenvolvimento do seu campo de estudos em seu país: as instituições e pessoas importantes em sua criação, desenvolvimento e consolidação e os principais eventos, canais de divulgação, fontes de financiamento e associações. Esse conhecimento não tem apenas objetivos práticos,

ele é importante para que você seja capaz de identificar as forças e incentivos que atuam sobre a sua trajetória e como forma de desenvolver uma perspectiva crítica e reflexiva em relação ao seu campo de investigação.

Aproveite oportunidades que, mesmo que não se encaixem perfeitamente ao que você mais gosta ou gostaria de estudar e pesquisar, possam contribuir para o desenvolvimento de novas competências e habilidades de pesquisa. Como mencionei no início deste artigo, para a maioria das pessoas, a trajetória acadêmica se faz mais do aproveitamento de oportunidades do que de escolhas e decisões conscientes orientadas para um fim pré-determinado. Isso não é contraditório com a ideia de desenvolvimento de uma perspectiva autoral. A autonomia intelectual não é sinônimo de voluntarismo e não decorre de agir conforme a vontade sem considerar restrições, consequências ou condições objetivas. Ela se constrói pela capacidade de articular escolhas individuais com as condições objetivas disponíveis, reconhecendo restrições e, ao mesmo tempo, elaborando caminhos criativos dentro delas.

Mills, em seu ensaio “O artesanato intelectual”, mostra como o trabalho do pesquisador pode ser pensado de forma semelhante ao de um artesão. Assim como o artesão, o cientista social não está apenas preocupado em produzir algo, mas em zelar pela qualidade do que faz, sabendo que o resultado final carrega a marca de sua habilidade, de seu esforço e da superação de obstáculos ao longo do processo. A obra concluída, por isso, é fonte de uma satisfação particular, pois nela se materializa não apenas um produto acabado, mas também a trajetória de quem a realizou. Mais do que gerar conhecimento, essa prática constitui um exercício de formação: ao pesquisar, o cientista desenvolve sua capacidade analítica e reflexiva, mas também se desenvolve a si mesmo, pois vive através de seu trabalho, e é por meio dele que se manifesta e se torna visível para o mundo. Nesse sentido, a produção intelectual não é apenas um fim em si, mas parte da própria constituição da identidade e da autoria do pesquisador.

Aproveitando oportunidades e fazendo escolhas no campo acadêmico:

- Procure pessoas generosas e comprometidas com a formação acadêmica - redes de apoio ajudam a sustentar a autoria.
- Identifique modelos inspiradores e aprenda diretamente com suas trajetórias e escolhas.
- Conheça a história e a estrutura do seu campo no país (instituições, financiadores, periódicos, debates).
- Use esse conhecimento para reconhecer incentivos, restrições e orientar estratégias realistas para sua carreira.
- Aproveite atividades que ampliem competências, mesmo fora do seu tema central - isso fortalece sua autonomia.
- Construa sua autonomia intelectual equilibrando suas escolhas com as condições objetivas do campo.
- Cultive a postura artesanal: zelar pela qualidade, revisar, refinar e reconhecer o valor do processo.
- Entenda a pesquisa como um processo formativo, no qual você também se transforma e molda sua identidade autoral.

Declaração de uso de IA

Não houve.

Contribuição de autoria (CRediT)

Marta Mendes da Rocha: concepção, conceitualização, escrita e edição.

Financiamento

Esta publicação contou com o apoio da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP).

Declaração de disponibilidade dos dados

Uso de dados não informado; nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.

Conflito de interesses

Não há.

Marta Mendes da Rocha (mendes_rocha@yahoo.com.br) é professora associada do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui graduação em História (2003), mestrado (2006) e doutorado (2011) em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Criadora e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Política Local (NEPOL/UFJF). Fez estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais (2021-2022). Foi Fulbright Visiting Scholar na University of Texas (Austin) (2022). Foi uma das fundadoras da Rede de Estudos sobre Política Subnacional na América Latina (REPSAL). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Suas pesquisas versam sobre instituições e representação política, governos subnacionais, relações multiníveis, dinâmicas de intermediação de interesses e poder local.

Referências

- Abu-Lughod, L. (1991) Writing against culture. In R.G. Fox (org.) *Recapturing anthropology: working in the present*. Santa Fe: School of American Research Press, pp. 137-162.
- Clifford, J. & Marcus, G. (2016) *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens / EdUERJ.
- Haraway, D.J. (1988) Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, 14(3), pp. 575-599. [DOI](#)
- hooks, b. (1990) Choosing the margin as a space of radical openness. In: b. hooks, *Yearning: race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, pp. 145-153.
- Mills, C.W. (2009) *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar.

The making of an intellectual identity: research, writing, and authorial positioning

Keywords: scientific authorship, intellectual identity, academic development, interdisciplinarity, narrative review.

ABSTRACT Introduction: Academic formation in the Humanities and Social Sciences emphasizes the collective nature of knowledge production but offers far less guidance on how researchers can cultivate authorship and an intellectual identity of their own. Factors such as research leadership, engagement with disciplinary traditions, experiences of social inequality, and pressures for productivity all shape how scholars enter the field and how they come to formulate original contributions. This article examines the elements that structure the development of scientific authorship during the formative stages of an academic career. **Materials and methods:** This study draws on a narrative review and on analytical reflections informed by the author's experience in research, teaching, and graduate supervision. The discussion engages scholarship on scientific writing, reflexivity, academic hierarchies, interdisciplinarity, and co-authorship practices, integrating empirical evidence with examples from across the Humanities. **Results:** The analysis identifies four key dimensions in the development of authorship: (i) taking a leading role in defining the research problem; (ii) approaching writing as a knowledge-producing practice rather than merely a vehicle for communication; (iii) negotiating contributions in collaborative work ethically and transparently, with attention to hierarchy, gender, race, and class; and (iv) expanding one's intellectual repertoire through interdisciplinarity, critical reading, and participation in academic networks. The article also shows how inequalities tied to social origin shape both scholars' sense of belonging and the material conditions that enable (or constrain) their place in the academic field. **Discussion:** The argument developed here is that authorship is a situated and reflexive practice shaped by the interplay between individual choices and academic structures. Recognizing this process strengthens intellectual autonomy, broadens analytical capacity, and supports more intentional, critical, and author-driven academic trajectories.



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.